

La Rochefoucauld

Reflexões ou sentenças  
e máximas morais

*Tradução e notas de*  
ROSA FREIRE D'AGUIAR

PENGUIN



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da seleção © 2014 by Penguin-Companhia das Letras

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association  
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

*Réflexions ou sentences et maximes morales*

PREPARAÇÃO

Osvaldo Tagliavini Filho

ÍNDICE TEMÁTICO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Jane Pessoa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

La Rochefoucauld, François de

Reflexões ou sentenças e máximas morais / La Rochefoucauld ; tradução de Rosa Freire D'Aguiar. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014

Título original: *Réflexions ou Sentences et maximes morales*.

ISBN 978-85-63560-87-2

1. Máximas francesas 1. Título.

14-00255

CDD-848

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Máximas: Literatura francesa 848

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Do livreiro ao leitor [1678]	9
Reflexões morais	11
Máximas suprimidas	78
Máximas descartadas	91
Retrato de M. R. D. por ele mesmo	101
Índice temático	107

## Reflexões morais

*Nossas virtudes são apenas, no mais das vezes, vícios disfarçados.*

1

O que consideramos virtudes costuma ser só um conjunto de ações e interesses diversos que o destino ou nosso engenho sabe arrumar; e nem sempre é por coragem e por castidade que os homens são corajosos e as mulheres são castas.

2

O amor-próprio é o maior de todos os adulares.

3

Por mais descobertas que se haja feito no país do amor-próprio, ainda restam nele muitas terras incógnitas.

4

O amor-próprio é mais hábil que o homem mais hábil do mundo.

5

A duração de nossas paixões depende tanto de nós como a duração de nossa vida.

6

A paixão faz muitas vezes do homem mais hábil um louco, e hábeis os mais tolos.

## 7

Essas grandes e deslumbrantes ações que ofuscam os olhos são julgadas pelos políticos como efeitos de grandes propósitos, sendo em geral do temperamento e das paixões. Assim, a guerra de Augusto e de Antônio, que se atribui à ambição que tinham de se tornar senhores do mundo, talvez fosse apenas consequência do ciúme.

## 8

As paixões são os únicos oradores que sempre convencem. São uma arte da natureza de regras infalíveis; e o homem mais simples que tem paixão convence melhor do que o mais eloquente que não a tem.

## 9

As paixões têm uma injustiça e um interesse próprio que tornam perigoso segui-las, e devemos desconfiar delas mesmo quando parecem as mais racionais.

## 10

Há no coração humano uma geração perpétua de paixões, de modo que a ruína de uma é quase sempre o nascimento de outra.

## 11

As paixões costumam gerar outras que lhes são contrárias. A avareza produz às vezes a prodigalidade, e a prodigalidade a avareza; em geral somos firmes por fraqueza e audaciosos por timidez.

## 12

Por mais cuidado que tomemos em acobertar as paixões com as aparências de devoção e honra, elas sempre aparecem através desses véus.

## 13

Com mais impaciência nosso amor-próprio sofre a condenação de nossos gostos que de nossas opiniões.

## 14

Os homens não só estão sujeitos a perder a lembrança dos benefícios e das injúrias, como até odeiam os que os obsequiaram e deixam de odiar os que os ultrajaram. O zelo em recompensar o bem, e vingar-se do mal, parece-lhes uma servidão a que lhes custa se submeter.

## 15

Em geral, a clemência dos príncipes não é senão uma política para conquistar a afeição dos povos.

## 16

Essa clemência que apresentamos como virtude se pratica ora por vaidade, às vezes por preguiça, muitas vezes por medo, e quase sempre pelas três razões juntas.

## 17

A moderação das pessoas felizes vem da calma que a boa fortuna confere a seus humores.

## 18

A moderação é o temor de cair na inveja e no desprezo que merecem os que se inebriam com sua felicidade; é uma vã ostentação da força de nosso espírito; enfim, a moderação dos homens em sua maior elevação é um desejo de parecerem maiores que seu destino.

## 19

Todos nós temos força suficiente para suportar os males do outro.

## 20

A constância dos sábios não é senão a arte de reprimir sua agitação no coração.

## 21

Os que condenamos ao suplício fingem às vezes uma constância e um desprezo pela morte que na verdade é apenas o medo de encará-la. De modo que se pode dizer que essa constância e esse desprezo são para seu espírito o que a venda é para seus olhos.

## 22

A filosofia facilmente vence os males passados e futuros. Mas os males presentes a vencem.

## 23

Poucos conhecem a morte. Em geral não a sofremos por resolução, mas por estupidez e por costume; e a maioria dos homens morre porque não pode deixar de morrer.

## 24

Quando os grandes homens se deixam abater pela extensão de seus infortúnios, fazem ver que só os suportavam pela força de sua ambição, e não pela de sua alma, e que, exceto por uma grande vaidade, os heróis são como os outros homens.

## 25

Precisamos de maiores virtudes para suportar a boa fortuna que a má.

## 26

Não podemos olhar fixamente nem o sol nem a morte.

27

Costumamos nos envaidecer das paixões, mesmo das mais criminosas; mas a inveja é uma paixão tímida e vergonhosa que jamais ousamos confessar.

28

O ciúme é de certa maneira justo e razoável pois só tende a conservar um bem que nos pertence ou pensamos nos pertencer; ao passo que a inveja é um furor que não consegue suportar o bem dos outros.

29

O mal que praticamos não nos atrai tanta perseguição e ódio como nossas boas qualidades.

30

Temos mais força que vontade; e muitas vezes é para nos desculparmos conosco que imaginamos serem as coisas impossíveis.

31

Se não tivéssemos defeitos, não teríamos tanto prazer em notá-los nos outros.

32

O ciúme alimenta-se de dúvidas, e torna-se fúria ou termina assim que se passa da dúvida à certeza.

33

O orgulho sempre se recompensa e nada perde, mesmo quando renuncia à vaidade.

34

Se não tivéssemos orgulho, não nos queixaríamos do orgulho dos outros.

35

O orgulho é igual em todos os homens, e só se diferencia no modo e nos meios de se manifestar.

36

Parece que a natureza, que tão sabiamente dispôs os órgãos de nosso corpo para fazer-nos felizes, também nos deu o orgulho para poupar-nos da dor de conhecer nossas imperfeições.

37

Mais participa o orgulho que a bondade nas advertências que fazemos aos que cometem erros; e os repreendemos não tanto para corrigi-los como para convencê-los de que deles estamos isentos.

38

Prometemos segundo nossas esperanças e cumprimos segundo nossos temores.

39

O interesse fala todas as línguas e representa todos os papéis, até o do desinteressado.

40

O interesse que cega a uns dá luz a outros.

41

Os que se aplicam demais nas pequenas coisas em geral tornam-se incapazes das grandes.

42

Não temos força suficiente para seguir toda a nossa razão.

43

Com frequência o homem pensa conduzir, quando é con-

duzido; e enquanto seu espírito o dirige a um objetivo, seu coração o arrasta insensivelmente a outro.

## 44

A força e a fraqueza do espírito estão mal denominadas; na verdade não são outra coisa além da boa ou má disposição dos órgãos do corpo.

## 45

O capricho de nosso humor ainda é mais estranho que o da fortuna.

## 46

O apego ou a indiferença dos filósofos pela vida era apenas um gosto de seu amor-próprio, e sobre ele não devemos discutir tanto quanto sobre a preferência do paladar ou a escolha das cores.

## 47

Nosso temperamento paga um preço a tudo o que nos vem do destino.

## 48

A felicidade está no gosto e não nas coisas; é por ter o que amamos que somos felizes, e não por ter o que os outros acham amável.

## 49

Nunca somos tão felizes nem tão infelizes quanto imaginamos.

## 50

Os que creem ter mérito se vangloriam de ser infelizes para convencer a si e aos outros de que são dignos de ser alvo do destino.